

TEMPO DE ESTUDAR E TEMPO DE TREINAR: COMO SE ORGANIZAM JOVENS ATLETAS DE VOLEIBOL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO?

Marcio Gabriel Romão - UFRJ
Felipe Rodrigues da Costa - UGF
Antonio Jorge Gonçalves Soares - UFRJ

INTRODUÇÃO

O voleibol hoje no Brasil é o segundo esporte de maior popularidade, e o que mais se aproxima da ‘paixão nacional’ que o brasileiro tem pelo futebol¹. Os bons resultados obtidos pela seleção masculina como os segundo lugares no Campeonato Mundial de Vôlei realizado em 1982 na Argentina, e a conquista da medalha de prata nas olimpíadas de Los Angeles, em 1984, trouxe a essa modalidade adeptos dos mais diversos níveis sociais e diferentes faixas etárias. Com essas conquistas até então inéditas para o cenário esportivo brasileiro, o voleibol passou a ter importância no cenário nacional, conquistando espaço nos meios de comunicação esportiva, e aceite popular. Com o passar dos anos e seguidos sucessos internacionais, tornou-se referência mundial.

O órgão máximo desse esporte é a Federação Internacional de Voleibol (FIVB), com sede na Suíça. É a FIVB que organiza as competições mais importantes do voleibol, estando entre as principais: a Liga Mundial (World League, criada em 1990, masculina), o World Grand Prix (criado em 1993, feminino) e o Campeonato Mundial Masculino (criado em 1949) e o Feminino (criado em 1952). Os atletas que participam dessas competições contam com todas as atenções do mundo ‘voleibolístico’ voltadas para eles nesse período. Esses eventos envolvem grandes empresas patrocinadoras, que movimentam a economia das cidades sedes e desse esporte. Grandes competições oferecem vultosas quantias em dinheiro para os melhores jogadores. O atleta Murilo Endres, ponta da seleção Brasileira, foi eleito o melhor jogador da liga Mundial de 2010, ganhando um prêmio em dinheiro no valor de US\$ 30 mil (aproximadamente R\$52,8 mil).

No Brasil, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) é a gestora desse esporte. Filiada a FIVB, existe desde 1954. Sua sede está localizada na cidade do Rio de Janeiro. Além de organizar a modalidade e as principais competições no cenário nacional, ela também

¹ Hoje no Brasil, o futebol possui 30,4 milhões de praticantes e o voleibol é o segundo com 15,3 milhões de praticantes (ATLAS DO ESPORTE, 2005).

possui ações no campo sócio-educacional com o programa “Viva Vôlei”². A CBV com os constates triunfos das seleções nacionais (em especial as seleções principais) nas competições que participam, tanto no vôlei de quadra como no vôlei de praia, iniciou a construção de um centro de treinamento, onde todas as equipes que representam o país pudessem treinar. Inaugurado em 2003, no município de Saquarema, o Centro de Desenvolvimento de Voleibol (CDV) é um complexo esportivo, que oferece moderna infraestrutura para o desenvolvimento dos treinamentos das seleções nacionais.

A mais importante competição do vôlei nacional é o Campeonato Brasileiro de Clubes, conhecido por SuperLiga. É disputada em quatro fases, a saber: primeira fase classificatória, em turno e retorno; a segunda fase é quartas de final³, em sistema de *play-offs*⁴, com as oito melhores equipes, seguida de semifinal e final. Nesta competição, na temporada 2010/2011 foram inscritos 461 atletas, sendo 255 no masculino (15 equipes) e 206 no feminino (12 equipes).⁵

Entre as décadas de 1970 e 1980, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), deu início a novas perspectivas de difusão da modalidade voleibol, promovendo parcerias com empresas e investindo no marketing esportivo dos clubes e das seleções.

A exposição do vôlei acelerou sua transição da condição de esporte amador para ser percebido como possibilidade de profissionalização entre jovens. Para aqueles que desejam chegar ao nível de alto rendimento esportivo, o início da carreira exige tempo e dedicação em treinamento institucionalizado nos clubes, exaustivas repetições de movimentos, conhecimento de esquemas táticos, etc. Neste período o jovem ainda se encontra em formação escolar e, ao decidir investir na carreira de atleta, terá o desafio de conciliar essas duas atividades.

Existem hoje pesquisas que contribuem para o entendimento da relação entre os campos esportivo e escolar, tratando, sobretudo as estratégias de conciliação elaboradas pelos agentes (pais, atletas, clubes, etc.) e problematizando as consequências do futuro daqueles que têm sua formação escolar comprometida. Essas pesquisas ocorrem no cenário nacional e internacional que abordam temas relacionados ao processo de formação esportiva e educação, permitindo apresentar informações importantes que irão contribuir com este estudo.

² O programa Viva Vôlei é um projeto que visa iniciar jovens de 7 a 14 anos, desenvolvido desde 1999. Utilizando o esporte busca-se educar e socializar esses jovens. O programa atua nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraíba, Amazonas, Pará e Rondônia.

³ Ocorre de acordo com as classificações obtidas ao final da primeira fase, sendo: 1º x 8º, 2º x 7º, 3º x 6º e 4º x 5º.

⁴ Jogo ou série de jogos que visam definir um vencedor.

⁵ Disponível em: <<http://www.cbv.com.br>>. Acessado em: 11 ago. 2011

No cenário internacional Metsä-Tokila (2002) em pesquisa bibliográfica analisou, a partir de uma perspectiva histórica, as tentativas de promover a conciliação entre os campos esportivo e educacional em três países, a União soviética, Suécia e Finlândia. McGillivray e McIntosh (2006) apresentaram um panorama da estrutura do futebol escocês, onde vem sendo observado um aumento do número de contratos com tempo de duração de no máximo dois anos, reduzindo a possibilidade de estabilidade laboral dos atletas. Este trabalho também traz à tona a importância de compreender a concorrência entre os campos do esporte e da escola e a participação dos agentes (pais, atletas, clubes) no processo de construção das estratégias para conciliação entre a formação escolar e a profissionalização esportiva. Hickey e Kelly (2008) apresentam situações que os jogadores de futebol da liga de Futebol Australiano vivenciam com a possibilidade de obter lesões e diminuir a vida profissional do atleta. Existindo uma preocupação por parte dos gestores com a inserção do atleta no mercado de trabalho formal.

No Brasil, as informações sobre o tema ainda é escassa. Contudo, esforços estão sendo realizados por pesquisadores e os números de produções acadêmicas começam a surgir, orientando e dando base para novas pesquisas. O estudo de Epiphanyo (2002) analisou como atletas de uma equipe de voleibol, do tênis, natação e triatlon enfrentam as dificuldades e os conflitos em suas vidas para manterem-se como atletas de alto-nível. Já Marques e Samulski (2009) investigaram o momento de transição entre o amadorismo e o profissionalismo de jovens atletas de futebol, focando a fase final da adolescência e início da fase adulta.

A pesquisa de Soares e Bartholo (2009) analisa a relação entre mercado, escola e formação de futebolistas, comparando as perspectivas de Brasil e Espanha. Melo (2010) observou como os atletas de futebol do Rio de Janeiro, em processo de formação profissional, conciliam os treinamentos com a escolarização básica. Santana e Ribeiro (2010), em abordagem de cunho pedagógico, analisaram as idades que os atletas do sexo masculino e feminino do futsal de alto rendimento começaram sua iniciação na modalidade. De modo geral, esses estudos reforçam a importância em problematizar a relação do esporte com a vida escolar.

Nesse sentido, o presente estudo busca informações do cotidiano escolar e da rotina de treinamento dos jovens atletas federados⁶ no voleibol. Assim visamos construir o cenário de atuação desses jovens atletas tanto na sua rotina de treinamento/profissionalização esportiva, como em sua rotina de escolarização. Promovendo a importância sobre este debate no

⁶ Que estão inscritos ou possuem registro na Federação de Voleibol do Rio de Janeiro.

universo acadêmico. Esses atletas atuam em clubes do Estado do Rio de Janeiro, participantes do campeonato estadual no ano de 2011, promovido pela Federação de Voleibol do Rio de Janeiro (FVR). Neste estudo trabalhamos com as categorias: Mirim (até 13 anos); Infantil (14 – 15 anos); Infante – Juvenil (16 – 17 anos); Juvenil (18 – 20 anos).

METODOLOGIA

Participantes

A população desse estudo é estimada em aproximadamente 660 atletas de voleibol (tabela 1), divididos entre as diferentes categorias de base, inscritos junto a Federação de Voleibol da cidade do Rio de Janeiro (FVR). As equipes participantes do estudo são o Clube de Regatas Vasco da Gama, o Tijuca Tênis Clube, o Fluminense Football Club, o Niterói V. C./Canto do Rio e Combinado 5 de Julho. Os jovens entrevistados são atletas das categorias mirim, infantil, infante e juvenil. A participação dos jovens foi autorizada previamente pelos responsáveis das categorias de esporte amador de cada clube. Para calcular o tamanho da amostra, foi considerado um nível de significância de 0,05 e um poder de teste de 0,95.

Tabela 1: Amostra				
Categoria	Número de Clubes (Feminino)	Número de Clubes (Masculino)	Média de Atletas inscritos	Questionários Aplicados
Mirim	09	06	12	29
Infantil	07	08	12	45
Infante	06	08	12	29
Juvenil	05	06	12	8
Total	27	28	660	151

Delineamento

Realizamos um estudo observacional de corte transversal, com o intuito de entender como os atletas das categorias de base do voleibol conciliam a formação esportiva com a formação educacional. A população que compõe esta pesquisa é de atletas entre a faixa etária de 9 a 20 anos de diversas categorias dos clubes participantes. Foram aplicados 151 questionários, pelos pesquisadores em contato com os atletas durante sua rotina de treinamento, os questionários eram aplicados antes ou após os treinos.

Instrumento

O questionário da pesquisa foi elaborado a partir da experiência em estudo realizado por Melo (2010), que pesquisou como os jovens atletas que praticam o futebol conciliam o esporte com sua rotina de formação escolar. As perguntas que estão contidas no questionário são fechadas, havendo uma questão aberta. Este instrumento foi discutido e desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas dos Sistemas Educacionais (GESED – UFRJ) com o intuito em dinamizar a coleta de dados e de qualificar as informações obtidas.

O questionário abordava os seguintes pontos: a) a escolaridade de pais e atletas; b) a formação profissional no voleibol e a categoria na qual se encontra; c) o tempo gasto com treinamento; d) o meio de transporte e o tempo nos deslocamentos para o local de treinamento; e) o tipo de formação escolar; f) o tempo gasto na rotina escolar; g) o meio de transporte e o tempo nos deslocamentos para escola; h) hábitos culturais: estudo, cinema, internet, televisão e leitura. O presente artigo trabalhou apenas com os dados referentes às seguintes informações: a) idade por série; b) categoria e tipo de escola; c) modalidade de ensino e repetência; d) turno escolhido.

Procedimento de coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada sempre com autorização prévia dos responsáveis pelo Departamento do Esporte Amador de cada Clube. Os instrumentos foram aplicados por dois pesquisadores treinados para o preenchimento do mesmo. A aplicação de cada instrumento durou aproximadamente 8 a 10 minutos por atleta. Também torna-se importante pontuar que foram realizadas anotações em diário de campo, com intuito de contribuir com o desenvolvimento da pesquisa, especialmente ao conseguir outras informações obtidas juntamente aos atletas, treinadores e familiares que não constavam no questionário Assim, na próxima sessão faremos a análise do material empírico coletado. .

ANALISE ESTATÍSTICA

Os dados foram tratados no software SPSS v. 17 (SPSS Inc., Chicago, USA), sendo pré-configurados no software Microsoft Excel versão 97/2003.

CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA: O ESPORTE E A ESCOLA.

Na última publicação do ano de 2011 da Revista Forbes⁷ das 100 maiores celebridades mundiais foi constatado que 19 pessoas da lista são atletas. Além de atletas, estavam atores, músicos, diretores e produtores, personalidades, estrelas da TV, entre outros. Isso demonstra o poder que o esporte possui no cenário econômico mundial. É verdade que a maioria dos atletas da lista pertence a esportes como basebol, e basquetebol. Em especial, participantes da liga profissional norte-americano (NBA) e jogadores de tênis. Alguns desses esportes até o momento não possuem grande difusão e visibilidade no cenário esportivo nacional como o caso do futebol americano. Nenhum atleta do voleibol consta na lista.

O esporte é responsável por movimentar a economia mundial US\$ 1 trilhão, e os Estados Unidos é o país que lidera esse ranking, gerando cerca de US\$ 200 bilhões por ano. No Brasil, o valor investido anualmente é cerca de R\$ 31 bilhões. Desse montante o voleibol movimenta aproximadamente R\$ 300 milhões⁸. Com esses números, compreende-se a importância do esporte, sendo um potente gerador de empregos diretos e indiretos. O voleibol profissional brasileiro possui na sua principal competição um total de 27 equipes (masculino e feminino), gerando aproximadamente 461 postos de trabalho para jogadores. Além disso, os altos salários que estão sendo pagos são atrativos para os jovens atletas.

O voleibol profissional nacional vive talvez o momento mais significativo da sua história. Atualmente as seleções principais estão bem posicionadas no *ranking* mundial. Em *ranking* divulgado respectivamente em outubro e novembro de 2011, a seleção masculina ocupa a primeira colocação e a seleção feminina ocupa a segunda colocação no ranking da FIVB. Marchi Jr. (2005), aponta a importância da televisão no início desse processo de desenvolvimento através da mídia, demonstrando este meio de comunicação como um alicerce no processo de ascensão do voleibol na década de 1980⁹. Marchi Jr. (2005), aponta também mais um elemento que contribuiu para que o voleibol tenha conquistado a importância que possui hoje no cenário esportivo nacional: a parceria de equipes esportivas com empresas, que investem em propaganda e contratações. Podemos citar como exemplo, equipes da última SuperLiga 2010/2011: Pinheiros/SKY e VIVO/Minas.

Com o crescimento do esporte começa a surgir alguns jovens interessados em sua profissionalização, logo, não existe a oportunidade para todos os atletas iniciantes, que almejam um espaço neste mercado. Os clubes abrem processo de seleção conhecidos como

⁷ Disponível em: <http://www.forbes.com/lists/2010/53/celeb-100-10_The-Celebrity-100.html>. Acessado em: 25 abr. 2011.

⁸ Disponível em: <<http://quest1.jb.com.br/jb/papel/economia/2003/06/08/joreco20030608007.html>>. Acessado em: 27 abr. 2011.

⁹ Segundo o IBGE (2008), 95,1% dos domicílios do país possuem aparelhos televisivos, logo, este meio de comunicação continua sendo um importante canal midiático.

“peneiras”, visam selecionar os mais aptos ao esporte. Pois, assim, como na maioria dos esportes na modernidade, constroem-se uma pirâmide onde apenas os melhores conseguem bons resultados, espaço e reconhecimento. A inserção no mercado mesmo para aqueles que apresentam as qualidades e características para serem atletas de voleibol como, por exemplo, altura e força não são o suficiente para garantir sucesso na carreira esportiva.

Quando os atletas conseguem ser inseridos no mercado esportivo do voleibol, este esporte e a educação ocupam espaço importante em sua agenda, já que são jovens em idade escolar, devendo haver uma preocupação com o processo educacional, por parte de seus familiares e responsáveis técnicos.

No Art. 1º da LDB (BRASIL, 1996) a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Ainda nesse sentido a educação está legitimada na Constituição Federal (BRASIL, 1988), no Artº. 205 sendo, direito de todos e dever do Estado e da família (...). O processo educacional deve ser de igualdade de condições de acesso e permanência para todos, independente da classe social ou escola que a criança ou jovem esteja inserida(o). Na LDB (BRASIL, 1996), que organiza a educação básica em três etapas: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio¹⁰. Ambas deram respaldo legal para que os municípios estabelecessem seus próprios sistemas de ensino, com autonomia relativa na formulação de políticas educacionais (Alves, 2008).

Por isso, o espaço escolar deve ser um local em que existam boas condições de funcionamento, de competência educacional, em termos de pessoal, material, recursos financeiros e um projeto pedagógico, que lhes permita identificar e reivindicar a “escola de qualidade comum” de direito de todos os cidadãos (Arelaro, 2005). No ano de 2008, o Brasil investiu cerca de a 4,7% do PIB, em educação. No mesmo ano, o país que mais investiu em educação foi a Suécia, com um investimento que chegou a 7,6% do seu PIB. No ranking de Educação, o Brasil se encontra no 88º lugar numa lista de 128 países (UNESCO)¹¹.

O Ensino Fundamental se inicia a partir dos seis anos de idade, e tem duração de nove anos. A lei que institucionalizou esse novo formato de ensino foi a Lei nº 11.274/2006. Busca-se possibilitar a inserção do maior número de crianças no sistema educacional brasileiro. Pesquisa realizada pelo IBGE (2000), mostra que 81,7% das crianças com idade de

¹⁰ Abordaremos em especial o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

¹¹ Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/ED/pdf/gmr2011-efa-development-index.pdf>>. Acessado em 27 nov. 2011.

seis anos estão matriculadas em escolas e que 29,6% estão cursando o ensino fundamental. Este nível de ensino consta como o mais importante processo educacional do país, já que é nesse período que o sujeito passa pelo processo de alfabetização e inicia o aprendizado de operações lógicas. Pesquisa realizada pela CPS/IBRE/FGV (2009), a partir da utilização de microdados do Censo (2000), constata que pessoas que cursaram e concluíram o ensino fundamental regular recebem um salário em média de R\$ 826,96.

O ensino médio regular busca trazer possibilidades de aprendizado aos jovens que estão geralmente em idade entre os 15 e 17 anos. Nesta fase de escolarização alguns estudantes já realizam atividades remuneradas, e participam das aulas no período noturno. Outros apenas dedicam seu tempo aos estudos realizando suas atividades escolares no período matutino e vespertino. Os dados sobre o ensino médio são preocupantes já que apresentam um grande déficit, como podemos observar, a partir da utilização do IDEB (2009), que visava à obtenção do valor nacional de 3,6 para o Ensino Médio, porém, o valor alcançado foi de 3,3 na cidade do Rio de Janeiro. Assim, como o do Ensino Fundamental também ficou abaixo dos parâmetros tidos como meta para a educação nacional no ano citado.

Melo (2010), constatou que os atletas de futebol apesar de terem uma longa rotina de treinamento, possuem uma escolaridade maior que o padrão existente na cidade do Rio de Janeiro. Ainda foi possível verificar no referido estudo um movimento de mudança nos horários correspondentes a realização da atividade escolar, tendo em vista que são mecanismos possíveis de organização por parte dos atletas e seus familiares, com o intuito de conciliar as atividades de treinamento nos clubes, com a escola. Esse diagnóstico ocorre principalmente à medida que os atletas avançam no processo de formação e ficam mais próximos da categoria profissional. Para conciliar a formação esportiva com a formação escolar, um grande número de atletas do futebol migra para o turno noturno, dando continuidade aos estudos.

Segundo Cury (2002), a educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania, e tal princípio, indispensável para o desenvolvimento de políticas que visam à participação de todos nos espaços sociais e, mesmo, para (re) inserção no mundo profissional. Para o autor, o acesso à educação é também um meio de abertura que dá ao indivíduo uma chave de autoconstrução e de se reconhecer como capaz de opções. O direito à educação, nesta medida, é uma oportunidade de crescimento cidadão, um caminho de opções diferenciadas e uma chave de crescente estima de si. Até agora, tem-se notado nos discursos dos jovens atletas do vôlei, aparente conscientização da importância da educação. Estes atletas se mostram interessados numa formação continuada e em ter uma segunda opção (de carreira) no estudo,

ou até mesmo planejando abandonar o esporte futuramente com intuito de continuar o processo educacional.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para entender como o campo esportivo e escolar são hierarquizados na vida desses jovens atletas, elaboramos o perfil educacional dos mesmos, analisando a incidência de atraso escolar, e as relações entre categoria esportiva e tipo de escola frequentada, e categoria e o turno escolhido.

Idade por série

Observando a relação entre a escolaridade ideal e a idade dos atletas, constatamos um atraso na escolarização de 5,4% dos atletas. No ensino fundamental a percentagem de atletas em atraso escolar foi de 2,7%. O índice nacional de atraso escolar neste nível de ensino chegou a 16% em 2009.¹² No ensino médio o atraso escolar atinge 3,6% dos jovens atletas. O índice nacional de reprovação para este nível de ensino foi de 19,6%.

Consideramos como atraso escolar a diferença de dois anos entre idade considerada ideal e série. Honda (2006) afirma que o atraso escolar no Brasil, além de aumentar os gastos do governo, representa um baixo nível de capital humano acumulado nas crianças. Baixos níveis de formação escolar representam indivíduos com habilidades intelectuais mal desenvolvidas que atingem níveis inadequados de produtividade dificultando o processo de desenvolvimento do país.

Na modalidade de voleibol o número de atletas que apresentam atraso na relação idade x série é baixo se compararmos também com o futebol, que apresenta atraso escolar de 46,89% (MELO, 2010).

Vôlei	Rio de Janeiro E. F.	Rio de Janeiro E. M.	Futebol	Brasil
5,7%	28,0%	43,5%	20,9%	16,8%

Categoria e tipo de escola

¹² Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=M101&t=taxa-de-aprovacao-reprovacao-e-abandono-ensino-fundamental-serie-nova#P1>>. Acessado em: 26 de mai. 2011.

Em nosso levantamento realizado com 151 atletas do voleibol, apenas um atualmente não está estudando. Esse atleta terminou o ensino médio e aguarda a confirmação de uma bolsa de estudo no curso de Educação Física. Outro atleta estuda em duas instituições, uma federal e a outra estadual. Observamos que 74,8% dos atletas estudam em escolas particulares, 5,4% estudam nas instituições municipais de ensino, 7,4% em instituições estaduais e 11,8% instituições de nível federal.

Sobre o alto número de alunos inscritos na rede particular de educação, Akkari (2001) considera que este aumento teve início a partir do momento pós-ditadura, onde ocorreu um retorno do debate sobre a educação no País e o capital escolar começou a ter uma importância maior. A fragilidade do ensino público na época fez com que as famílias e os grupos sociais dominantes elaborassem estratégias para garantir a qualidade de ensino para si, por meio da privatização do ensino.

Utilizando os dados e os separando por categorias, temos os seguintes resultados contidos na tabela abaixo:

Categoria	Escola			
	Federal	Estadual	Municipal	Particular
Mirim	1,8%	-	3,6%	20,7%
Infantil	4,5%	3,6%	1,8%	29,7%
Infanto	4,5%	2,7%	-	19,8%
Juvenil	0,9%	0,9%	-	5,4%
Total	11,7%	7,2%	5,4%	75,6%

Modalidade de ensino e repetência

No que diz respeito à relação entre a modalidade de ensino e o índice de repetência constatamos que dos 151 atletas, todos estudam ou estudaram na modalidade de ensino regular. Para Alves, Ortigão e Franco (2007), a repetência escolar é um fenômeno social complexo onde interagem características da escola, do aluno e da família. Os atletas de voleibol apresentam uma taxa de repetência escolar baixa (Tabela 4) e os horários de competições e treinamento dificilmente conciliam com o horário escolar.

Diferentemente do que ocorre no futebol, onde os atletas se dedicam e são capazes de abdicar dos estudos rumo à profissionalização esportiva. E em alguns casos os atletas

reprovados acabam deixando os estudos. Tal questão também aparece nos estudos de Melo (2010) ao constatar que, os atletas, empenhados em consolidar a sua carreira, tendem a se descuidar dos estudos, e isso se agrava ainda mais se levarmos em consideração que a sua agenda como atleta entra muitas vezes em confronto com a sua rotina escolar. Todavia, a relação com estudo parece ter um sentido diferente para o voleibol.

Tabela 4: Modalidade de ensino e repetência					
	Repetência				
Modalidade	Nunca	1 Vez	2 Vezes	3 Vezes	5 vezes
Regular	127	20	2	1	1

Quando os atletas não abandonam os estudos, eles buscam no ensino noturno a possibilidade de dar continuidade ao processo de escolarização, em um ritmo diferente, com menos carga horária. Os estudos de Souza e Oliveira, (2008) contribuem com este debate ao perceberem que no momento escolar é aceita a entrada dos alunos, especialmente no que se refere aos atrasos. Essa facilidade é uma das “vantagens” que os alunos buscam no ensino noturno. Em particular aqueles que apresentam dificuldade na aprendizagem.

Turno escolhido

A tabela 5 mostra que os atletas das quatro categorias iniciantes do voleibol realizam suas atividades estudantis, predominantemente, pela manhã. Isso ocorre pelo fato de os clubes concentrarem suas práticas de treinamento no turno vespertino e noturno, proporcionando aos jovens atletas a escolha da realização dos treinamentos pelo turno vespertino (após as aulas) e noturno.

Tabela 5: Turno e escola				
	Turno			
Categoria	Manhã	Tarde	Noite	Manhã e Tarde
Mirim	29	0	0	0
Infantil	45	0	0	0
Infanto	22	0	0	7
Juvenil	5	1	1	1

Alguns atletas realizam suas atividades escolares no período integral (matutino e vespertino) pois, a formação escolar que estão cursando os obriga a fazer estágios ou a cursarem disciplinas nesses turnos. Os jovens dão preferência às ações educativas e não às ações ligadas ao esporte, já que, além de entenderem o papel da escola em suas vidas, não existe por parte dos clubes alguma regra que faça com que os atletas saiam antes da escola para chegarem no horário correto de treinamento.

No estudo realizado por Melo (2010), com atletas do futebol do estado do Rio de Janeiro, ocorrem relações parecidas ao vôlei apenas na categoria Mirim, que estudam em sua totalidade na parte da manhã. À medida que alcançam sucesso no futebol, os atletas migram para o ensino vespertino e noturno adequando-se aos horários de treinamentos nos clubes.

CONCLUSÃO

Os dados analisados apresentam o perfil dos atletas das categorias de base do voleibol no Estado do Rio de Janeiro. Concluimos que os atletas de voleibol apresentam um nível de escolarização maior que a média nacional. A maioria dos atletas desta modalidade estão com a escolaridade compatível com a idade que possuem, havendo um baixo índice de atraso escolar (5,4%), no que diz respeito ao nível de comparação entre idade que o aluno está e série/ano que o aluno se encontra. Compreendemos esse fato, por existe no discurso da família dos atletas e dos treinadores das equipes que a preferência para os atletas é a escolarização, sendo assim, ocorre uma secundarização da vivencia esportiva e da perspectiva desse atleta em relação a sua carreira no esporte.

Os atletas concentram-se na modalidade de ensino regular e pelo turno da manhã nas ações relacionadas ao processo educacional. Os clubes realizam suas atividades no período vespertino e noturno. As equipes mirim e infantil treinam no horário da tarde e os atletas das categorias infante e juvenil realizam suas atividades de treinamento no horário noturno. Os atletas das categorias infante e juvenil são atletas que estão cursando o ensino médio onde em alguns casos eles devem cumprir horários além do escolar e de treinamento, horário de estágio.

As reprovações são pouco freqüentes. Ocorre uma concentração de alunos em instituições de ensino privado (particular). As famílias investem na educação de seus filhos, acreditando que as instituições de ensino particular oferecem melhores condições de ensino. Observa-se que as famílias dos atletas no voleibol são famílias que apresentam características de pessoas com formação superior, isso pode influenciar na forma de que o atleta pode perceber e ser influenciado em relação a educação.

Os atletas/alunos conseguem conciliar a rotina entre o esporte e a escola. Dificilmente o esporte interfere na rotina escolar e quando isso ocorre a preferência é da rotina escolar. As famílias possuem um papel importante dando apoio aos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fátima; ORTIGAO, Isabel; FRANCO, Creso. **Origem social e risco de repetência: interação raça-capital econômico.** *Cad. Pesqui.* [online]. 2007, vol.37, n.130, pp. 161-180. ISSN 0100-1574.

ALVES, Fátima. **Políticas educacionais e desempenho escolar nas capitais brasileiras.** *Cad. Pesqui.* [online]. 2008, vol.38, n.134, pp. 413-440. ISSN 0100-1574.

ARELARO, Lisete Regina Gomes. **O ensino fundamental no Brasil: avanços, perplexidades e tendências.** *Educ. Soc.* [online]. 2005, vol.26, n.92, pp. 1039-1066. ISSN 0101-7330.

AKKARI, A. J.. **Desigualdades educativas estruturais no Brasil: entre estado, privatização e descentralização.** *Educ. Soc.* [online]. 2001, vol.22, n.74, pp. 163-189. ISSN 0101-7330.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Lei n. 9.394, de dezembro de 1996. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

COSTA, Lamartine Pereira da. (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil.** 1. Ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **A educação básica como direito.** *Cad. Pesqui.* [online]. 2008, vol.38, n.134, pp. 293-303. ISSN 0100-1574. doi: 10.1590/S0100-15742008000200002.

EPIPHANIO, Erika Höfling. **Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento.** *Estudos em psicologia, Campinas*, v. 19, n. 1, jan/abr. 2002.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O Retorno da Educação no Mercado de Trabalho.** Rio de Janeiro: 2009

HONDA, Kátia Moringa. **Um Estudo sobre os determinantes do atraso escolar.** Ribeirão Preto, 2006. 80 p. Tese de Mestrado, apresentada à Faculdade de Economia, administração e Contabilidade de Ribeirão Preto/USP.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.** Rio de Janeiro, 2008.

MARCHI JR, Wanderley. **O processo de Ressignificação do Voleibol a partir da inserção da Televisão no Esportivo.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 149-162, jan. 2005.

MCGILLIVRAY, D; MCINTOSH, A. **Football is my life: Theorizing social practice in the scottish professional football field.** Sport in Society, Vol. 9, N. 3,p. 371-387. Jul, 2006.

MELO, Leonardo Bernardes Silva. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho. 2010.

METSA-TOKILA, Timo. **Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of the school system in the Soviet Union, Sweden and Finland.** European Physical Education Review, v. 8, n. 3, p. 196-206, 2002.

SOUSA, Sandra Zákia e OLIVEIRA, Romualdo Portela de. **Ensino Médio noturno: democratização e diversidade.** *Educ. rev.* [online]. 2008, n.31, pp. 53-72. ISSN 0104-4060.